

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

FELIPE GARCIA DE PAIVA, JENIFER SOUZA DA SILVA e JORGE
HENRIQUE ATAÍDE CORDEIRO

PROFESSOR-ORIENTADOR
DANIEL PETROCELLI

O IMPACTO DAS DOENÇAS NA ECONOMIA

Rio de Janeiro

2020

**O IMPACTO DAS DOENÇAS NA ECONOMIA
THE IMPACT OF DISEASES ON THE ECONOMY**

Nome (s) do (s) autor (es)

Felipe Garcia de Paiva

Jenifer Souza da Silva

Jorge Henrique Ataíde Cordeiro

Orientador

Daniel Petrocelli

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo analisar os impactos econômicos e sociais das diversas doenças, de forma mundial e brasileira. A partir da análise dos registros na imprensa e de conjuntos documentais que incluem relatórios, decretos e boletins de um ministério, da Prefeitura da cidade e da Câmara dos Deputados, bem como estudos em gerais, artigos, sites e livros, analisamos a utilização da epidemia como mecanismo de prevenção. Buscaremos focalizar os seus impactos sobre a representação de alguns atores políticos e sociais do período, bem como sobre a reafirmação de um grupo com vocação para a liderança política, que é peça fundamental no processo de modernização da sociedade mundial e brasileira.

Palavras-chave: impactos econômicos, epidemias/pandemias e economia da saúde.

ABSTRACT

The economic and social impacts of the most varied diseases have a real application in the world and Brazilian economy. From the analysis of press records and documentary sets that include reports, decrees and bulletins from a ministry, the City Hall and the Chamber of Deputies, as well as studies in general, articles, websites and books, we analyze the use of the epidemic as a prevention mechanism. We will seek to focus its impacts on the representation of some political and social actors of the period, as well as on the reaffirmation of a group with a vocation for political leadership, which is a fundamental part in the process of modernization of world and Brazilian society. It is essential to understand the moment we are going through and how it will influence the economy in the short, medium and long term.

Keywords: economic impacts, epidemics / pandemics and health economics.

INTRODUÇÃO:

Ao longo dos anos, a economia global sofreu com as grandes epidemias ao redor do mundo, tendo um número elevado de mortes que impactou diversos países. Bactérias, vírus e outros microrganismos já causaram estragos tão grandes à humanidade quanto as mais terríveis guerras, terremotos e erupções de vulcões.

No século XIV a Peste Bubônica (conhecida como Peste Negra), foi a pior epidemia que atingiu a Europa e Ásia, deixando 500 milhões de mortos entre 1333 e 1351. A Tuberculose causou a morte de 1 bilhão de pessoas entre 1850 e 1950. Dentre as doenças que causaram grandes epidemias e quedas drásticas na economia, também estão relacionadas Cólera, Varíola, Gripe Espanhola, TIFO, Febre Amarela, Sarampo, Malária (A OMS considera a malária a pior doença tropical e parasitária da atualidade, perdendo em gravidade apenas para a Aids).

Atualmente, na China, novo corona vírus reacende a memória da epidemia de Sars, que matou centenas de pessoas em 2002 e 2003 e atingiu em cheio economias da Ásia. À época, cidades inteiras se esvaziaram, consumo e negócios despencaram. As economias asiáticas ainda estavam lutando para se recuperar da crise financeira que atingiu a região em 1997 e do estouro da bolha da internet quando a Sars (Síndrome Respiratória Aguda Grave) se fez notar pela primeira vez em novembro de 2002.

Portanto, este artigo, tem como objetivo apresentar o impacto e as consequências que as doenças causam no ambiente socioeconômico, mostrar vantagens e desvantagens que alguns países podem ter, analisar possíveis soluções para evitar grandes quedas na economia e avaliar o investimento em pesquisas médicas.

A metodologia utilizada para elaborar este projeto foi de caráter bibliográfico, através de pesquisas de livros em bibliotecas físicas e virtuais, além de artigos e sites pesquisados na internet. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde o levantamento das informações foi feito através das palavras-chaves: economia da saúde, economia global, economia brasileira, epidemias, impactos econômicos.

Suponhamos que exista uma distância entre o conhecimento e a aplicação desse conhecimento. Entre esses dois elos da Medicina preventiva, existem decisões e ações de âmbito político e governamental, que exigem recursos e interesses. Mesmo quando há o conhecimento e existem verbas, a incompetência ou falta de interesse político pode ocasionar a morte de milhares de pessoas.

A elaboração deste artigo foi motivada pela atual crise econômica em diversos países, ocasionada pelo vírus Covid-19 que teve início na China, e se alastrou rapidamente para outros países, deixando centenas de mortos. Por motivos de prevenção, diversos setores tiveram que cancelar seus serviços, como por exemplo, turismo, companhias aéreas, empresas de importação e exportação etc. Tal projeto visa dar contribuição para sociedade, alertando sobre medidas de prevenção e planejamento econômico, agregando conhecimento e crescimento profissional, acadêmico e social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Há muito tempo se sabe que as doenças virais, quando não curadas rapidamente, podem se transformar em epidemias (doença de caráter transitório, que ataca simultaneamente grande número de indivíduos em uma determinada localidade) ou em casos mais graves em pandemias (enfermidade epidêmica amplamente disseminada). O impacto econômico que essas doenças causaram à grandes países ao longo dos séculos nos mostraram que podem ser comparadas a desastres naturais como terremotos, furacões e guerras. Mas é importante mostrar que uma paralização traz muitos prejuízos, mas não só por isso, mas também por colapsar os diversos pontos da economia, que está diretamente ligada a saúde das pessoas. Este fator é de grande importância, pelo fato das pessoas ficarem doentes, de correr o risco de morte, mas também pelo fato de nenhum país do mundo ter condições de suportar uma grande quantidade de enfermidades, ou seja, mesmo que se produza uma grande quantidade de vacinas, a demanda e proliferação é muito maior e mais rápida, e isso gera um problema muito grande para a economia.

Tendo como um grande exemplo dessas comparações citadas à cima, tivemos no início do Século XX a Gripe Espanhola, quando em 1918 se espalhou rapidamente com a Primeira Guerra Mundial, ocasionando em milhões de mortos, especialmente em setores mais jovens da população. Considerada uma das mais severas pandemias da história, foi causada pela virulência incomum de uma estirpe do vírus Influenza A, do subtipo H1N1. A denominação “gripe espanhola” foi cunhada devido ao fato de muitas das informações a respeito da doença terem sido transmitidas pela imprensa

da Espanha. Os jornais desse país, que se manteve neutro durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), não sofriam censura quanto às notícias sobre a epidemia, o que não era o caso da imprensa dos países beligerantes. Por isso, assim que a gripe chegava a algum país, era logo chamada de “espanhola”. Desconhece-se sua origem geográfica, mas sabe-se que o primeiro caso observado se verificou nos Estados Unidos em março de 1918, no Texas, e uma semana depois, em Nova Iorque.

Um estudo norte-americano publicado no último dia 26/03/2020, feito por membros do Banco Central dos EUA e outro do MIT (Massachusetts Institute of Technology), apontou os efeitos econômicos da pandemia de Gripe Espanhola em 1918, onde as medidas restritivas duras de distanciamento social foram benéficas em longo prazo. No estudo, descobriram que as cidades que intervieram cedo e mais agressivamente ao isolamento não tiveram desempenho pior, e cresceram economicamente mais rápido depois que a pandemia acabou.

Atualmente estamos vivendo uma nova “onda de terror” chamada Covid-19, que teve seu primeiro caso na China, e já ocasionou em um gigantesco número de mortos, crescimento do dólar, desvalorização de ações na bolsa de valores, desempregos etc. Para a economia mundial, a maioria das instituições financeiras e economistas prevêem recessão este ano. A dúvida é de quanto será o tombo. Analistas e empresários projetam cenário similar no Brasil, mas as opiniões divergem. Um levantamento do Valor Data com 36 instituições financeiras do Brasil apurou que as projeções indicam até 3% de queda no PIB deste ano.

O GRANDE CUSTO GOVERNAMENTAL CAUSADO PELAS DOENÇAS VIRAIS

As doenças infecciosas, de muitas formas, são tão importantes para a história da Humanidade quanto as guerras e os desastres naturais; considere a Peste Negra na Idade Média; a morte por atacado de índios americanos em virtude do sarampo e da varíola (muito mais do que por arma de fogo ou inanição), ou a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Apesar dos avanços da medicina, apenas derrotamos um punhado dessas doenças; notavelmente quase todas as vitórias são decorrentes de programas de imunização (p. ex., varíola, coqueluche, poliomielite e sarampo) que foram bem-sucedidos, pois aumentaram nossa própria imunidade. Apesar de o uso de antibióticos ter, de fato, contribuído para amenizar algumas

doenças infecciosas, o uso indiscriminado resultou, ironicamente, no desenvolvimento de patógenos com virulência crescente, resistentes a múltiplas drogas. Como consequência, os microrganismos antes facilmente controláveis, retornaram com força total: cepas resistentes de tuberculose, malária, salmonela, gonorreia e até os modestos estreptococos. Portanto, as doenças infecciosas permanecem causas importantes de morte por todo o mundo.

Em países em desenvolvimento, condições de moradia não-sanitárias e a subnutrição contribuem para uma onda massiva de doenças infecciosas, responsáveis por mais de 10 milhões de mortes por ano; a maioria ocorre em crianças, sobretudo por causa de infecções respiratórias e diarreia. As doenças infecciosas são causa de morte importante sobretudo entre os idosos e indivíduos com AIDS, assim como entre os doentes crônicos.

Avanços na medicina, como a quimioterapia para tumores e a imunossupressão para o transplante de órgão também criaram uma classe totalmente nova de pacientes vulneráveis e organismos normalmente inócuos, contudo oportunistas.

Ante ao que parece ser um massacre opressor de microrganismos, vale lembrar que a cooperação entre microrganismos e humanos é a regra; a doença é exceção. Portanto, o quanto antes descobrir como a doença foi transmitida, mais rápido encontrará a cura.

Outro tipo de doença que ocasiona em grande custo governamental é a doença do coração, onde no caso do Brasil, impõem limitações à qualidade de vida nos aspectos físicos, sociais, financeiros e de saúde. Existem quatro importantes doenças cardíacas no Brasil: hipertensão, insuficiência cardíaca, infarto do miocárdio e fibrilação atrial. Um levantamento feito em 03/2017 pela Deloitte Consultoria mostrou que o Brasil perde **R\$ 56 bilhões** anualmente em gastos no sistema público de saúde e com perda de produtividade do trabalhador. Além da questão econômica, a pesquisa mostra como é afetada a qualidade de vida dos pacientes com doenças cardíacas. O estudo revela que os brasileiros perderam o equivalente a 3,2 milhões de DALYs (Disability Adjusted Life Years – medida da Organização Mundial de Saúde que representa a soma dos anos de vida potenciais perdidos devido a mortalidade prematura e dos anos de vida produtivos perdidos devido a incapacidade).

Infarto do miocárdio acarretou o mais alto custo financeiro (R\$ 22,4 bilhões/6,9 bilhões de dólares), seguido de insuficiência cardíaca (R\$ 22,1 bilhões/6,8 bilhões de dólares), hipertensão (R\$ 8 bilhões/2,5 bilhões de dólares) e, finalmente, fibrilação atrial (R\$ 3,9 bilhões/1,2 bilhão de dólares). Telemedicina e suporte telefônico estruturado são intervenções custo-efetivas para o aprimoramento do manejo da insuficiência cardíaca. As doenças cardíacas determinam substanciais custos financeiros e perda de bem-estar no Brasil e deveriam ser uma prioridade de saúde pública.

Fizemos uma breve pesquisa de algumas doenças que causaram impactos econômicos ao longo dos anos. São elas:

- **Gripe Espanhola (50 milhões de mortos)** - como ficou conhecida devido ao grande número de mortos na Espanha – apareceu em duas ondas diferentes durante 1918. Na primeira, em fevereiro, embora bastante contagiosa, era uma doença branda não causando mais que três dias de febre e mal-estar. Já na segunda, em agosto, tornou-se mortal. Enquanto a primeira onda de gripe atingiu especialmente os Estados Unidos e a Europa, a segunda devastou o mundo inteiro: também caíram doentes as populações da Índia, Sudeste Asiático, Japão, China e Américas Central e do Sul.

No Brasil, a epidemia chegou em setembro de 1918: o navio inglês "Demerara", vindo de Lisboa, desembarca doentes em Recife, Salvador e Rio de Janeiro (então capital federal). No mesmo mês, marinheiros que prestaram serviço militar em Dakar, na costa atlântica da África, desembarcaram doentes no porto de Recife. Em pouco mais de duas semanas, surgiram casos de gripe em outras cidades do Nordeste e em São Paulo.

As autoridades brasileiras ouviram com descaso as notícias vindas de Portugal sobre os sofrimentos provocados pela pandemia de gripe na Europa. Acreditava-se que o oceano impediria a chegada do mal ao país. Mas, essa aposta se revelou rapidamente um engano.

Tinha-se medo de sair à rua. Em São Paulo, especialmente, quem tinha condições deixou a cidade, refugiando-se no interior, onde a gripe não tinha aparecido. Diante do desconhecimento de medidas terapêuticas para evitar o contágio ou curar os doentes, as autoridades aconselhavam apenas que se evitasse as aglomerações.

Um estudo norte-americano que pesquisou os efeitos econômicos da pandemia de gripe espanhola em 1918 apontou que medidas restritivas duras de distanciamento social foram benéficas a longo prazo. Publicada na quinta-feira (26), a pesquisa, que tem como autores dois membros do Banco Central dos EUA e outro do MIT (Massachusetts Institute of Technology), tem como título: "Pandemias deprimem a economia, intervenções públicas de saúde não: Evidências da gripe de 1918". O estudo comparou resultados econômicos de cidades norte-americanas que aplicaram medidas restritivas de contato social cedo na eclosão da pandemia para combater a gripe espanhola e de outras que adotaram estratégias mais relaxadas ou demoraram. "Nós descobrimos que cidades que intervieram cedo e mais agressivamente não tiveram desempenho pior [econômico] e, de qualquer forma, cresceram mais rápido depois que a epidemia acabou. Nossas descobertas indicaram que NPIs [intervenções restritivas de contato social] não apenas diminuíam a mortalidade, elas também reduziram as consequências econômicas adversas", diz a análise. Um quadro mostra que cidades como Seattle, Portland, Oakland, Omaha e Los Angeles, as quais adotaram determinações mais duras contra o contato social pela epidemia, foram melhores economicamente depois.

"Comparando cidades pela velocidade e agressividade das medidas restritivas, nós descobrimos que medidas mais cedo e impositivas de distanciamento social não pioraram a queda econômica. Ao contrário, cidades que intervieram mais cedo e mais agressivas experimentaram aumento no emprego de manufatura, na produção de manufaturados e nos ativos bancários em 1919, depois do fim da pandemia.

- **Sars (Síndrome Respiratória Aguda Grave – 800 mortos)** - A SARS, ou Síndrome Respiratória Aguda Grave, é considerada a primeira doença transmissível grave do século XXI. A doença foi causada pelo Coronavírus SARS e se disseminou rapidamente para países na América do Norte, América do Sul, Europa e Ásia. O surto foi detectado pela primeira vez no final de 2002 na China, e entre 2002 e 2003 foram registrados mais de 8 mil casos e cerca de 800 mortes no mundo todo. As economias asiáticas ainda estavam lutando para se recuperar da crise financeira que atingiu a região em 1997 e do estouro da bolha da internet quando a Sars (Síndrome Respiratória Aguda Grave) se fez notar pela primeira vez em novembro de 2002.

A morte de um agricultor em Guangdong, na China, causada por um vírus misterioso semelhante ao da gripe, seria o catalisador do terceiro grande evento econômico a atingir a região, pois o tipo de pneumonia que o afligia – mais tarde denominada Sars – rapidamente se tornou uma epidemia.

Pessoas começaram a adoecer em várias grandes cidades chinesas, incluindo Xangai e Pequim. Dentro de algumas semanas, o vírus havia atravessado fronteiras, inicialmente para Vietnã, Hong Kong, Taiwan, Cingapura e depois para mais longe. Dezenas de mortes foram relatadas.

De repente, muitas cidades asiáticas normalmente movimentadas ficaram estranhamente silenciosas. Bairros comerciais e shopping centers foram esvaziados, viagens corporativas foram substituídas por teleconferências, viagens de turismo foram adiadas.

Aeroportos e portos usavam imagens térmicas para rastrear viajantes possivelmente infectados. Pessoas que entraram em contato com casos suspeitos de Sars foram colocadas em quarentena, e as que relataram sintomas semelhantes aos da gripe foram aconselhadas a ficar em casa. Aqueles que se aventuravam a sair, o faziam com máscaras faciais; os táxis só podiam atrair passageiros se dirigissem com as janelas abertas.

O professor da Universidade de Hong Kong Yue-chim Richard Wong foi coautor de um artigo sobre o impacto econômico da Sars na região semiautônoma chinesa. O texto descrevia como o centro financeiro estava apenas começando a ver sinais de recuperação econômica quando o vírus eclodiu.

"O surto de Sars atingiu Hong Kong num momento muito ruim", escreveu YC Richard Wong. "A demanda doméstica entrou em colapso antes de ter uma chance de recuperação. O consumo local e a exportação de serviços relacionados ao turismo e às viagens aéreas foram severamente afetados."

Turismo dizimado - A China viu a receita do turismo estrangeiro cair até 60% em 2003, enquanto Hong Kong registrou uma queda de 60% no número de turistas no auge da crise. Cingapura e Coreia do Sul testemunharam quedas de 40%, e Tailândia e Malásia registraram retrações de mais de um terço.

As taxas de ocupação nos hotéis de Hong Kong caíram de cerca de 79% em março para apenas 18% em maio; e o número de passageiros de companhias aéreas

transportados de e para o aeroporto internacional da cidade caiu mais de três quartos durante a epidemia.

Milhares de voos regionais foram cancelados devido à falta de demanda – somente as companhias aéreas de Taiwan suspenderam quase 800 voos, ou 23% de sua programação normal, no auge do surto. A rede de transporte público de Hong Kong registrou uma queda de 50% no número de passageiros durante o mesmo período.

Por toda a Ásia, hotéis, restaurantes, cinemas e outros locais de entretenimento lutaram para atrair público suficiente para manter seus negócios, e grandes eventos, incluindo concertos musicais e convenções, foram cancelados.

Os economistas estimaram que a Sars foi responsável por uma redução de 1% a 2% no crescimento econômico da China e de 0,5% no do Sudeste Asiático em 2003. Um relatório do Centro de Desenvolvimento Internacional disse que a epidemia causou uma perda de 25 bilhões de dólares à economia chinesa. Outro estudo da Universidade Griffith, da Austrália, estimou o impacto global entre 30 bilhões e 100 bilhões de dólares.

Efeitos subsequentes - A perda econômica no marco zero da Sars – a cidade chinesa de Guangzhou – foi estimada em 1,6 bilhão de dólares. O efeito indireto também foi sentido pelo setor manufatureiro chinês, com as remessas da província de Guangdong para Hong Kong caindo um terço.

A Sars piorou a situação de um mercado de trabalho já enfraquecido, fazendo com que muitas empresas do setor de varejo, alimentos, bebidas e turismo demitissem funcionários em toda a Ásia. Empresas de Taiwan introduziram um sistema de compartilhamento de empregos, enquanto o governo de Cingapura compensou parte do impacto com um pacote de ajuda no valor de 170 milhões de dólares.

A epidemia foi agravada por uma enorme tentativa de ocultação por parte dos chineses. Inicialmente, autoridades de saúde fracassaram em alertar a Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre vários outros casos em Guangdong, o que poderia ter impedido a propagação do vírus e reduzido o grau de alarme generalizado, descrito por pesquisadores da Universidade Griffith.

"Devido à falta de informações oficiais confiáveis [na China], boatos sobre a epidemia se espalharam, [...] todos os tipos de rumores exacerbaram a disseminação

do pânico social e [...] uma escalada da compra de medicamentos por pânico", relataram os pesquisadores num relatório que comparava a forma de lidar com a Sars na China com um surto posterior da gripe aviária H7N9.

Durante o surto de nove meses, mais de 8 mil casos de Sars foram confirmados e 775 pessoas morreram – 648 delas na China e Hong Kong. O surto, que se espalhou para uma dúzia de países, acabou tão rapidamente quanto surgiu.

A maioria das economias asiáticas se recuperou – a demanda do consumidor e o turismo retornaram rapidamente. A China, no entanto, enfrentou pressão internacional para melhorar sua transparência, preparação e resposta a surtos de doenças infecciosas. Desde 2004, nenhum caso de SARS foi relatado mundialmente.

- **Gripe Suína (18,5 mil mortos)** - A pandemia mundial de influenza pelo vírus H1N1, inicialmente conhecida como gripe suína, teve os primeiros casos registrados no México em março de 2009 e vitimou cerca de 18,5 mil pessoas. A doença foi causada por uma cepa do vírus H1N1 da influenza A, que é geneticamente uma combinação dos vírus da influenza suína, aviária e humana. No Brasil, foram registradas 2.060 mortes em 2009 por causa da doença, quando a vacina ainda estava em desenvolvimento.

“Foi a primeira emergência de saúde pública de importância mundial declarada pela OMS. Foi um momento em que nós colocamos em prática o novo regulamento sanitário internacional, instrumento que ajuda a comunidade internacional a prevenir a graves riscos de saúde pública”, lembrou o secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS/MS), Wanderson Kleber, que na época coordenou na SVS a resposta nacional a pandemia de influenza e atuou como ponto focal para o regulamento sanitário internacional”. Na Argentina, fez disparar as vendas de remédios e produtos preventivos, que estavam praticamente esgotados. O comércio e o turismo começaram a sentir os efeitos da doença, que poderiam provocar perdas milionárias, segundo analistas. A economia argentina já vinha sofrendo o impacto da crise global e do conflito rural no ano de 2008, mas o vírus da gripe aprofundou os danos, que aparentemente aumentaram nos dias seguintes, depois das eleições legislativas.

Segundo cálculos de diversos economistas, independentemente da crise global e das questões internas, a economia argentina poderia contrair entre 0,3% e 0,9%, apenas por causa da gripe, com perdas que poderiam chegar até 30 bilhões de pesos

(aproximadamente US\$ 7,875 bilhões). Bem parecida com a gripe espanhola, vitimou muitos jovens, que, por geralmente terem uma vida social agitada, correm maior risco de se contaminar.

- **Ebola (9 mil mortos)** - O surto de Ebola iniciou no final de 2013 na República de Guiné e se espalhou rapidamente para os países vizinhos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), foi a maior epidemia de febre hemorrágica em termos de pessoas afetadas, números de mortos e extensão geográfica. Até fevereiro de 2015, a doença tinha infectado mais de 23 mil pacientes, resultando em cerca de 9 mil mortes.

Uma pesquisa feita pela Revista Exame, da Editora Abril, em 08/2014, mostrou que a epidemia de ebola na África Ocidental deixou sequelas na economia dos países afetados, onde os mercados estavam vazios, os campos abandonados e a mineração começou a dar sinais de fraqueza. “É uma catástrofe. Perdemos muito dinheiro”, lamentava Alhaji Bamogo, vendedor de roupas no mercado Red Light, o segundo maior da Monróvia, capital da Libéria. “Todos os que vêm compram comida e desinfetantes contra o Ebola”. A epidemia sem precedentes causou pelo menos 1.350 mortes, principalmente em Libéria, Serra Leoa e Guiné, que estão entre os países mais pobres do mundo.

“A epidemia do Ebola não foi apenas uma epidemia de saúde pública, mas uma crise econômica que afetou vários setores da economia”, alertou o presidente do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), Donald Kaberuka, que anunciou em 08/2014 um fundo de 60 milhões de dólares (45 milhões de euros) para os países atingidos. Quanto maior a duração da epidemia, maior será a influência dos fatores psicológicos nos atores econômicos, advertem os especialistas. Segundo Philippe Hugon, diretor do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas (Iris), “a precaução terá como consequência uma queda da produção já que as economias da África Ocidental são muito dependentes dos grandes grupos para exportar suas matérias-primas”.

“Tudo depende se isso será uma crise conjuntural ou se a epidemia continuará crescendo com o tempo. Os empresários estrangeiros na região estão muito preocupados”, avalia. A gigante mundial de aço ArcelorMittal anunciou no dia 8 de

agosto a suspensão das obras de ampliação de uma mina em Yekepa e de um terminal portuário em Buchanan, na Libéria, depois que os empregados foram retirados.

“A epidemia pode reforçar a ideia de que Guiné, Serra Leoa e Libéria são países em que é perigoso viver, por causa de doenças como a Aids ou o ebola, e, conseqüentemente, investir”, acrescenta Philippe Hugon, que insiste que as suspensões dos voos dificultam os intercâmbios. Além disso, um estudo da agência Moody’s indica que “a epidemia pode ter um impacto financeiro direto nos orçamentos dos governos com o aumento dos gastos de saúde”. Na Guiné, onde começou o surto do ebola, chovem críticas de que as autoridades demoraram a decretar estado de emergência sanitária. Para o sindicalista Amadou Soumah, a movimentação das forças da Guiné nas fronteiras acarretará mais gastos. Ele acusa o presidente Alpha Condé de ter declarado em abril que a epidemia estava “controlada” “para que os investidores não deixassem o país”.

Crise alimentar - “O número de vítimas não terá necessariamente um impacto na oferta de mão de obra no setor agrícola”, considera Philippe De Vreyer, especialista em economia da África Ocidental.

Mas De Vreyer prevê comportamentos prejudiciais. “As pessoas se movimentarão cada vez menos. Por exemplo, quem costuma vender suas verduras no mercado local decidirá ficar em casa”. Nas regiões de Serra Leoa e Libéria em quarentena, as plantações de cacau e de café estão desertas e há escassez de alimentos, sobretudo de arroz, porque os vendedores não oferecem o produto para não ter que se deslocar. Na Nigéria, maior produtor de petróleo do continente, as atividades de extração no Delta do Níger, a milhares de quilômetros de Lagos – onde há 15 casos identificados -, até o momento não foram abaladas de forma significativa. A primeira potência econômica da África é o país menos afetado pelo vírus, com cinco mortos. Mas, segundo Bismarck Rewane, chefe do Financial Derivatives Company, com sede em Lagos, “as reservas de hotel caíram quase 30% neste mês, assim como os pedidos de comida e de bebidas para eventos que concentram grandes quantidades de pessoas, como casamentos e funerais”.

- **MERS (Síndrome Respiratória do Oriente Médio – 900 mortos)** - A Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS) é uma doença respiratória aguda grave causada pelo Coronavírus MERS (MERS-CoV).

A MERS-CoV foi identificada pela primeira vez em 2012, na Arábia Saudita. Em 2015, houve o registro do primeiro caso da doença na Coreia do Sul e posteriormente em países do Oriente Médio, na Europa e na África. De 2015 a 2019, quase 900 pessoas morreram em decorrência do vírus em diversos países. Durante o surto de MERS em 2015, os índices S&P 500 e Dow Jones tiveram quedas de aproximadamente 9%. O Ouro Futuro caiu 7,45%. Enquanto isso, no Brasil, o Ibovespa chegou a recuar 14,60%, entretanto, nessa época vivíamos toda instabilidade do processo de Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Nesses períodos de incerteza, muitas vezes os investidores acabam “fugindo” para aplicações consideradas seguras, como o ouro.

- **Covid-19** - é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório).

A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em 1 de dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano. Com o grande avanço da doença e os aspectos dos seus sintomas e proliferação, a China começa um programa amplo de contenção, de acordo com o relatório da missão conjunta OMS-China sobre a doença do Corona vírus 2019 (COVID-19). Após a detecção de um conjunto de casos de pneumonia de etiologia desconhecida em Wuhan, o CPC, Comitê Central e o Conselho de Estado lançaram a resposta nacional de emergência. A partir daí foram criados dois grupos para coordenar os esforços de controle do vírus, o “Central Leadership Group for Epidemic Response” e o “Joint Prevention and Control

Mechanism”. As medidas de prevenção e controle foram implementadas rapidamente, desde os estágios iniciais em Wuhan e outras áreas-chave de Hubei até o nível nacional. As medidas adotadas podem ser divididas em três fases:

Na primeira fase, de início do surto, a principal estratégia esteve focada na prevenção da exportação de casos de Wuhan e outras áreas prioritárias da província de Hubei. O mecanismo de resposta foi iniciado com envolvimento multisetorial em medidas conjuntas de prevenção e controle. Mercados foram fechados e foram feitos esforços para identificar a fonte zoonótica. A formação epidêmica foi notificada à OMS em 3 de janeiro e sequências genômicas inteiras do COVID-19 foram compartilhadas com a OMS em 10 de janeiro. A partir daí os protocolos para diagnóstico de COVID-19 e para tratamento foram formulados, além do gerenciamento de contatos próximos de pessoas contaminadas e aplicação de testes laboratoriais; na segunda etapa, durante a segunda fase do surto, a principal estratégia foi reduzir a intensidade de epidemia e retardar o aumento de casos. Em Wuhan e outras áreas prioritárias da Província de Hubei, o foco era o tratamento ativo de pacientes, a redução de mortes e a prevenção de exportações. Em outras províncias, o foco estava na prevenção de importações, restringindo a propagação da doença e implementação de medidas conjuntas de prevenção e controle. Nacionalmente, os mercados de animais silvestres foram fechados e as instalações de criação de animais em cativeiro foram isoladas. Em 23 de janeiro, estritas restrições de tráfego e um cordão sanitário foram estabelecidos em torno de Wuhan e municípios vizinhos, "pelo menos 48 cidades em quatro províncias chinesas estavam limitando a circulação de pessoas. Em algumas localidades os moradores precisam se registrar antes de entrar e sair; outras limitaram acesso a rodovias, ferrovias e transporte público. Mais de 700 milhões de chineses, quase metade da população do país". Impedindo efetivamente a exportação de indivíduos infectados para o resto do país. Nessa fase o protocolo para diagnóstico, tratamento e prevenção e controle de epidemias foram aprimorados; o isolamento e o tratamento dos casos foram reforçados. Foram tomadas medidas para garantir que todos os casos fossem tratados e contatos próximos fossem isolados e colocados sob observação médica. Segundo a OMS, a China tem uma política de identificação meticulosa de casos e contatos para o COVID-19. Em Wuhan, cerca de 1800 equipes de epidemiologistas, com um mínimo de 5 pessoas / equipe, rastreamos dezenas de milhares de contatos por dia. Além das medidas de controle de tráfego e controle da

capacidade de transporte para reduzir o movimento de pessoas, informações sobre a epidemia e medidas de prevenção e controle foram divulgadas regularmente. A alocação de suprimentos médicos foi coordenada e novos hospitais foram construídos, como o Hospital Huoshenshan. Camas de reserva foram usadas e instalações foram redirecionadas para garantir que todos os casos pudessem ser tratados, além de esforços para manter um fornecimento estável de mercadorias e seus preços para garantir o bom funcionamento da sociedade; A terceira etapa do surto procurou controlar a epidemia mediante o controle e prevenção. O foco foi no tratamento dos pacientes e na interrupção da transmissão, com ênfase em medidas para implementar plenamente o teste e prevenção de disseminação em lugares públicos. Para isso novas tecnologias foram aplicadas, como o uso de big data e inteligência artificial (IA) para fortalecer o rastreamento de contatos e o gerenciamento de populações prioritárias. Políticas de expansão dos seguros de saúde foram promulgadas, com pagamentos de seguros e liquidação e compensação financeira.

O Escritório Nacional de Estatística da China registrou quedas recordes na produção industrial, varejo e investimentos em ativos fixos, que, somados a outros índices, antecipam um colapso em várias frentes econômicas. Dados revelam a escala dos danos causados pelo novo covid-19 e vão aumentar os temores de uma recessão global. A produção industrial (que mede as atividades de manufatura, mineração e serviços públicos) caiu 13,5% no comparativo anual, a primeira contração desde janeiro de 1990. Analistas esperavam uma queda de 3% nesse indicador. As vendas no varejo, um indicador-chave do estado do consumo na segunda economia mundial, caíram 20,5% em relação ao ano anterior, o maior declínio da série histórica. O mercado falava em queda de 4%. Já os investimentos em ativos fixos — despesas com itens que incluem infraestrutura, propriedades, máquinas e equipamentos — caíram 24,5% no período, outra redução recorde, e seis vezes mais do que analistas previam. Esses dados se somam aos números ruins da indústria de transformação chinesa em fevereiro, que estava no nível mais baixo desde 2005, como foi divulgado no início deste mês. A queda é resultado principalmente de medidas tomadas pela China para conter a disseminação do vírus em seu território, incluindo o fechamento de fábricas e lojas em todo o país por várias semanas após o feriado do Ano Novo chinês. A proliferação da covid-19 afeta os dois lados da economia, a cadeia de suprimentos e a demanda. O fornecimento de bens e serviços é afetado porque as

fábricas e escritórios fecham as portas. Como resultado, a produção cai. E, ao mesmo tempo, a demanda também diminui, porque os consumidores ficam em casa e param de gastar.

Além da China, outros países sofreram drasticamente, assim que a doença começou a ser disseminada em diversas cidades. Após o aumento de casos confirmados, foram se apresentando medidas de saúde e economia para ajudar a combater a crise. Os Estados Unidos declararam estado de emergência nacional em 13 de março de 2020. O país sofreu com a queda da economia devido ao cancelamento de voos, suspensão de aulas e fechamento de comércios. A medida, permite ao Executivo usar US\$ 50 bilhões (cerca de R\$ 242 bilhões) alocados para combater a pandemia. Muitos acreditam que a economia não se recuperará até que o vírus esteja sob controle, e por isso o projeto direciona US\$ 172,1 bilhões ao sistema de saúde. Isso inclui US\$ 27 bilhões para a investigação de vacinas e tratamentos para o vírus, e outros US\$ 100 bilhões para pagar o lucro perdido dos hospitais e provedores de serviços médicos, ou com os gastos não recuperados relacionados ao surgimento da pandemia.

A Itália pagou um preço alto por não respeitar as medidas de isolamento social para conter o coronavírus. Para não desacelerar a economia, Governo italiano criticou prefeitos e governadores por “espalharem caos” ao defender quarentenas. Três dias depois, número de mortes dobrou até chegar aos 7.503 em março de 2020.

No Brasil, a PORTARIA Nº 356, DE 11 DE MARÇO DE 2020 decretou início de quarentena, com o objetivo de separar pessoas sintomáticas ou assintomáticas por 14 dias, podendo se estender por até igual período, conforme resultado laboratorial que comprove o risco de transmissão. São várias as normas editadas em esfera federal, estadual e municipal restringindo o funcionamento de estabelecimentos comerciais, industriais e escritórios, no esforço de contenção da COVID-19. Com o passar dos dias e com um grande aumento de pessoas contaminadas, escolas, faculdades e universidades públicas e particulares tiveram suas aulas suspensas, onde alunos e professores tiveram de se adequarem com as novas medidas educacionais estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC), publicadas no dia 18/03/2020 (Portaria nº 343 de 17 de março de 2020), que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação;

comércios não foram autorizados a funcionar para evitar aglomerações; banhistas foram proibidos de permanecerem em praias; bares e restaurantes também foram fechados com o critério de aplicação de multa para quem não cumprisse a quarentena. Pessoas tiveram de se manter em casa, evitando ao máximo contato até mesmo com amigos e parentes; eventos foram cancelados e artistas tiveram de se adaptar à lives (shows ao vivo em redes sociais), afim de divulgarem seus trabalhos, entreter seus fãs e arrecadarem um grande número de alimentos, distribuindo aos necessitados etc.

Há, ainda, a crescente – e controversa – discussão dos impactos econômicos e sociais advindos do fechamento da atividade econômica, que busca um equilíbrio entre a contenção do vírus e a sobrevivência da economia. O Poder Judiciário tem sido acionado por empresas que buscam permanecer funcionando, ainda que parcialmente. Com a redução drástica ou interrupção total do faturamento, as empresas estão diante da necessidade de honrar compromissos, como a folha de pagamento, fornecedores, aluguéis etc. e, nem sempre, dispõem de caixa para tanto. Há, também, soluções acessíveis que podem e já estão sendo implementadas para manter a economia em funcionamento: Empresas, sejam públicas ou privadas, preparadas e cuja atividade o permite, estão adotando o modelo de trabalho remoto, que, além manter as pessoas em casa e, dessa forma, conter a disseminação do vírus, resultam em eficiências na gestão, melhora na produtividade e economia, pois o trabalhador trabalha em casa; Medidas de apoio à sobrevivência das empresas e das pessoas e manutenção dos empregos; A postergação e parcelamento do pagamento de tributos e a oferta de crédito para capital de giro em condições condizentes com o momento são exemplos do que o governo tem feito. Nesse sentido, a MP 899/2019, a qual regulamenta a negociação de dívidas tributárias para estimular a regularização de débitos fiscais e a resolução de conflitos entre contribuintes e a União, bem como o Projeto de Lei 1.066/2020, que institui o auxílio emergencial de R\$ 600,00 para trabalhadores informais de baixa renda, a ser concedido durante a pandemia do Covid-19 por três meses; Incentivar a indústria nacional para a produção de respiradores, testes de Covid-19 e materiais de enfrentamento à pandemia, como máscaras e trajes laboratoriais, notadamente para os profissionais da saúde que atuam em hospitais.

Casos de Covid-19 (em 27/05/2020 – 12h04):

Global

Confirmados

5.614.458

Casos recuperados

2.307.901

Mortes

350.958Atualizado há menos de 52 minutos • Fonte: [Wikipédia](#)

Tabela classificada por Casos Confirmados em ordem decrescente (os 10 primeiros):

Local	Confirmados	Casos a cada um milhão de pessoas	Casos recuperados	Mortes
 Estados Unidos	1.717.077	5.210	364.806	100.259
 Brasil	394.507	1.867	159.611	24.600
 Rússia	370.680	2.526	142.208	3.968
 Reino Unido	265.227	3.992	—	37.048
 Espanha	236.529	5.022	150.376	27.117
 Itália	230.555	3.827	144.658	32.955
 Alemanha	181.303	2.180	163.591	8.431
 Turquia	158.762	1.909	121.507	4.397
 Índia	151.767	112	64.426	4.337
 França	145.555	2.170	65.879	28.530

Novos casos ao longo do tempo

Global



Os novos casos são aqueles confirmados desde o dia anterior

Atualizado há menos de 55 minutos • Fonte: Wikinédia

Casos ao longo do tempo

Global



Atualizado há menos de 55 minutos • Fonte: Wikipédia

Sobre esses dados: Mudam rapidamente

Os dados mudam rapidamente e podem não mostrar alguns dos casos que ainda não foram informados; Incluem somente as pessoas testadas; Os casos incluem somente pessoas que tiveram testes com resultado positivo; As regras e a disponibilidade dos testes podem variar de acordo com o país; Talvez você não veja dados sobre algumas áreas porque não há registros da publicação ou da coleta recente dessas informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado em todas as doenças citadas e em especial na última pandemia (COVID-19) que ainda assombra a comunidade global, este artigo tem por finalidade mostrar que

uma paralização traz muitos prejuízos, mas não só por isso, mas por colapsar os diversos pontos da economia, que está diretamente ligada à saúde das pessoas. Este fator é de grande importância, pois além de ficarem doentes e correrem risco de morte, nos mostra que de fato nenhum país do mundo tem condições de suportar um grande número de pessoas doentes, ou seja, mesmo que se produza uma grande quantidade de vacinas e que seja disponibilizado para o povo medidas emergenciais, a demanda é muito maior, pois a doença se espalha rapidamente. A atual pandemia gerou um grande problema econômico mundial, aumentando o dólar, desvalorizando produtos, causando desempregos e um número avassalador de mortes.

Percebemos, com a atual situação, que o mundo precisa investir principalmente em saúde pública, dando ênfase em hospitais, valorizando médicos e enfermeiros e investindo em pesquisa médica, além de tentar melhorar a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51746841>
Acesso em 5, março, 2020.

Beefpoint Educação. Disponível em <https://www.beefpoint.com.br/kantar-relatorio-sobre-o-covid-19-e-os-impactos-no-brasil-e-no-mundo/> Acesso em 23, março, 2020.

Carta Maior. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/A-China-e-a-pandemia-do-Covid-19-das-medidas-de-contencao-a-estrategia-global/6/46992> Acesso em 31, março, 2020.

CpDoc. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GRIPE%20ESPANHOLA.pdf>, Acesso em 23, março, 2020.

Diário do Nordeste. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/online/doencas-cardiacas-tem-alto-custo-para-o-pais-1.1724021>, Acesso em 06, abril, 2020.

DW.com. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/como-um-v%C3%ADrus-mortal-abalou-a-economia-asi%C3%A1tica-nos-anos-2000/a-52111716> Acesso 15, março, 2020.

El País. Disponível em <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-01-21/identificado-o-primeiro-infectado-nos-eua-pelo-coronavirus-de-wuhan.html> Acesso em 21, março, 2020.

Estadão. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/impactos-da-covid-19-na-economia-brasileira/> Acesso em 06, abril, 2020.

Exame Abril. Disponível em <https://exame.abril.com.br/mundo/ebola-deixara-sequelas-na-economia-dos-paises-afetados/> Acesso 01, maio, 2020.

Google Notícias - <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR:pt-419> – Acesso em 27, maio, 2020.

Guia da Farmácia. Disponível em <https://guiadafarmacia.com.br/kantar-divulga-relatorio-sobre-o-covid-19-e-os-impactos-no-brasil-e-no-mundo/> Acesso em 20, março, 2020.

G1.com. Disponível em <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1217814-16726,00-NOVA+GRIPE+JA+PROVOCA+IMPACTO+NA+ECONOMIA+DA+ARGENTINA.html> Acesso 16, abril, 2020. Acesso em 22, maio, 2020.

Invivo. Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=815&sid=7>, Acesso em 08, abril, 2020.

Ministério da Economia. Disponível em <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/marco/confira-as-medidas-tomadas-pelo-ministerio-da-economia-em-funcao-do-covid-19-coronavirus> Acesso em 25, março, 2020.

Ministério da Saúde. Disponível em <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/53845-10-anos-do-surto-global-de-h1n1> Acesso 01, maio, 2020.

Notícias UOL. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/30/por-que-o-fim-do-isolamento-pode-nao-ser-o-melhor-para-a-economia-do-brasil.htm>, Acesso em 23, março, 2020.

Notícias UOL. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/01/23/como-um-virus-mortal-abalou-a-economia-asiatica-nos-anos-2000.htm> Acesso 16, março, 2020.

NSC Total. Disponível em <https://www.nsctotal.com.br/noticias/coronavirus-liderancas-empresariais-avaliam-os-impactos-da-pandemia-a-economia-em-santa>
Acesso 15, março, 2020.

NSC Total. Disponível em <https://www.nsctotal.com.br/noticias/coronavirus-liderancas-empresariais-avaliam-os-impactos-da-pandemia-a-economia-em-santa>,
Acesso em 23, março, 2020.

Organização Mundial de Saúde (OMS) e Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em <https://super.abril.com.br/saude/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia/> Acesso em 16, março, 2020.

Parmais. Disponível em <https://www.parmais.com.br/blog/impacto-economico-das-epidemias-mundiais/> Acesso 16, abril, 2020.

Pinheiro Neto Advogados. Disponível em <http://www.pinheironeto.com.br/Documents/O%20COVID-19%20e%20seus%20impactos%20legais%20no%20Brasil.pdf> Acesso em 06, abril, 2020.

ROBBINS. Patologia Básica, 9ª edição. Disponível em Editora Elsevier Ltda, Capítulo 8 – Patologia Geral das Doenças Infecciosas, página 349.